

## NOTA INICIAL

Quem buscar neste livro uma análise fílmica de obras de Glauber Rocha e Walter Salles ou um estudo restrito sobre crítica cinematográfica provavelmente se desencantará. Embora ambos os eixos analíticos estejam presentes na discussão, o objeto central, fruto de minha tese de doutorado, é o mapeamento de críticas latino-americanas a filmes específicos dos dois cineastas, de modo a se vislumbrar as formas pelas quais algumas imagens brasileiras são vistas e reconstruídas pelos “hermanos”. A proposta principal está em entender, tendo como base uma sociologia da crítica, determinado circuito da recepção a gerar certa circulação de ideias, cuja autoridade estabelece fundamentos identitários, quiçá, para a posteridade. Não esqueçamos, contudo, que imagens, assim como ideias e tradições, sempre são socialmente construídas. Nesse sentido, pretendo desvelar mecanismos de tal construção pelos quais nos vemos e somos vistos. A preocupação com “nós mesmos” ou com o que é “nosso”, menos minha do que dos personagens e objetos do estudo, revela-se exemplar na averiguação de permanências e contrastes espaço-temporais.

A elaboração desses e outros pensamentos aqui desenvolvidos não teria sido possível sem a ajuda de professores, que colaboraram com fecundas ideias antes, durante e depois do projeto. A esses agradeço especialmente a Gláucia Villas Bôas, por sua orientação fundamental, Néstor García Canclini, coorientador, que me acolheu generosamente na Universidad Autónoma Metropolitana (México), Marco Antonio Gonçalves, Tunico Amancio, José Maurício Domingues e André Botelho.

Ao Programa de Estudios sobre Cultura Urbana do Departamento de Antropologia da Universidad Autónoma Metropolitana (México), à Universidad Nacional de San Martín (Argentina) e aos acervos pesquisados – filмотecas, cinematecas, hemerotecas e outras instituições públicas e privadas mexicanas, cubanas, argentinas e brasileiras – agradeço a hospitalidade e o fornecimento das matérias-primas do trabalho. Dessas instituições, destaco a ajuda pessoal de Lécio Augusto Ramos; de dona Lúcia, no Tempo Glauber; de Maria Carlota Bruno, na VideoFilmes; de Tony Mazón e Joel del Río, no Instituto Cubano del Arte e Indústria Cinematográficos (ICAIC); de Luciano Castillo, na Escuela Internacional de Cine y Televisión (EICTV), em San Antonio de los Baños, Cuba; de toda a equipe da biblioteca do Instituto Nacional de Cine y Artes Audiovisuales (INCAA), na Argentina; e, principalmente, de Julia Tuñon Pablos, do Instituto Nacional de Antropología e Historia, no México. Agradeço também ao CNPq pelo apoio à pesquisa nesses países e à FAPERJ pela presente publicação.

Aproveitando o ritual deste espaço, não poderia deixar de render graças a pessoas fundamentais em minha formação pessoal e profissional, que imprimiram, afetiva e intelectualmente, marcas no trabalho. São elas: Patrícia Monte-Mór, José Inácio Parente, Silvia Oroz e Ana Maria Galano (*in memoriam*). Aos amigos que coloriram o processo sofrido e criativo, agradeço o tom de cada um: Antonio Holzmeister, Armelle Enders, Denise Trindade, Emílio Domingos, Fabiene Gama, Felipe Ribeiro, Felipe Scovino, Frederico Coelho, Graziella Moraes, Lia Rocha, Luiz Augusto Rezende, Lúcia Barros, Marcius Coutinho, Marta Paret, Renata Fraga, Roberta Ceva, Simplício Neto, Simone Aquino e Tadeu Capistrano.

Também deixo meu agradecimento aos colegas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, com quem pretendo compartilhar anos de entusiasmo e conquistas.

Finalmente, agradeço a Glauca Altmann, por semear seu feliz *savoir-vivre*, e a meu pai (*in memoriam*), pelo germe para a imaginação crítica.